

# Contos Subterrâneos

Ana Flávia Nejaim

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

# O abandono

Já me desgastei muito. Semana a semana, por quarenta e quatro horas, lá estava eu. Agora nada mais importa, me estico na terra, viro adubo. Nada de paredes brancas, estofado, mesa e TV. Faço da ruína minha fortaleza. Pra que dinheiro? Bom mesmo é ficar aqui, neste submundo, morada de minhocas, aranhas, da vida que se aloja em rachadura.

Como gosto de viver na casa que um dia foi mansão de luxo de gente muito, mas muito poderosa. Nela entendo que era pra eu ainda ser um analista qualquer, trabalhando numa baia, num andar qualquer da Faria Lima. Sapato, camisa e calça social. Três conduções pra ir, três pra voltar. Ninguém merece. Por acaso, numa vinda ao Jardim América, descobri este lugar. Foi preciso uma mensagem do chefe:

**luís, traz os documentos pra mim  
não vou pra empresa hoje**

Homem antiquado, não lê nada no computador. E eu, o Luís, era pago pra fazer as suas vontades. Com raiva, levei a papelada, mas voltei com uma felicidade que não conhecia.

Os olhos da casa se abriram, e entrei. Apenas fui. De início, vinha no esporádico mesmo. Quando sobrava um domingo besta, passava uma tarde aqui. Trazia bobagens pra comer e escolhia um canto onde existem tantos cantos: seis quartos, sete banheiros, três salas, cozinha grande, sala de jantar, garagem pra dez carros, piscina e um desenho do que foi um belo jardim. Mas daí a casa começou a me falar coisas muito íntimas.

— Luís... Luís... cadê você?

Um sussurro empoeirado, entrando nos ouvidos até alcançar o coração. Depois que me apaixonei pela casa, passei a ter ódio da vida que tinha.

— Luís, você não precisa de nada disso. Vem aqui descansar um pouco.

E eu fui porque não quero acordar cedo nem escovar dentes lavar a cara usar roupa passada pegar busão uma duas três conduções que deviam se multiplicar em dez pra abrigar tanta gente oito horas de expediente que quase sempre viram dez onze às vezes doze e ao anoitecer a casa oficial onde ficam esposa e filhos com caras de quem não aguentam viver mas precisam viver no asfalto no meio dos prédios e dos carros que buzina sem que ninguém se dê conta de que a gente existe de que a gente está num mundo onde todo mundo se desgasta todos os dias

Essa vida não foi feita pra mim.

Agora a casa, ah a casa, ela fala macio, de um jeito que abraça.

— Deita, Luís. Aqui tem relva, entulho, silêncio. Aqui não tem gente... encosta nessa minha parede...

E eu encosto, e durmo, e sonho com um mundo onde não preciso ser analista de planilha, um sujeitinho incapaz de en-

gordar o saldo bancário. Engorda, isso sim, o patrimônio de quem não aceita NÃO como resposta.

Bom mesmo é aquele musgo ali, nascendo no canto da parede. Nessa pequena infiltração, surge o verde submundo.

Tentei me enquadrar. Mas, quando o chefe me acusou de roubo, foi a gota d'água. O tapado deixou o ballon bleu de cartier na mesa do escritório. Quem deixa um relógio assim em qualquer lugar? Ficou lá, esquecido, o ouro 18k reluzindo pra quem quisesse ver.

Disseram que a gravação comprovava.

Disseram que, quando sumiu, eu era o único trabalhando até tarde.

Disseram que iam me prender.

Não lembro de nada. Assinei os papéis da justa causa e peguei as três conduções de retorno ao lar. Cheguei querendo contar pra família história, querendo mostrar pra alguém o meu lado. Mas as crianças tinham tarefa, e a mulher ainda preparava a janta. A pobre queria terminar tudo logo e dormir logo porque logo começaria outro dia.

Eu nada disse. Esperei o sono cobrir os olhos deles, fiz uma maletinha e vim pra minha casa. Esta daqui, a única que me conhece inteiro.

— Luís, Luís, agora somos nós dois.

Na rua virei andarilho. Saio pouco, o suficiente pra pescar alguma comida. No Jardim América, tem guarda, segurança particular. Mas dou um jeito. Me camuflo feito camaleão, vou me misturando à calçada. Deslizo no asfalto. Me faço fino pra atravessar o portão desta casa que é minha sim, de mais ninguém.

Um dia ela contou:

— Aqui já morou esposa de homem chique, mãe de gente que estuda no estrangeiro.

— E o que aconteceu?

— O homem morreu de infarto, os filhos se espalharam por terras mais ricas, que combinavam mais com o corpo que tinham. A mulher foi ficando só. Encontrou marido, mas ele não podia pagar IPTU, fazer meu jardim, limpar minha piscina, contratar as moças pobres que enceravam meu chão. A dona também não trabalhava, embora gastasse muito.

— Você sente falta dessa gente?

— Só preciso de você, Luís.

— Que bom que te encontrei, minha casa.

— Eu te encontrei. Não se engane.

— Você não sente falta de ser bonita como as suas vizinhas?

— Luís, tá vendo aquele lodo ali... que se alojou no canto da sala? Então... bom mesmo é o submundo.

A casa tem razão. Pra que aguentar uma desgraça de chefe que não me olha na cara? Pra que depender de transporte público? Comer de qualquer jeito, dormir pela metade todo santo dia? Um chefe maldito, mal cumprimentava. Do relógio, desse sim ele gostava. Também pudera, uma pulseira em ouro 18k e um vidro de safira que paralisa o tempo. Agora eu pergunto: quem esquece na mesa algo que ama?

Eu jamais roubaria esse relógio. No meu pulso, vale porra nenhuma. Me mostraram na gravação. Alguém muito parecido comigo pegou e colocou no bolso.

— Querido Luís, pra que dinheiro?

A casa tem razão. Bom mesmo é o submundo. Nele me alojo porque ninguém deve ter olhado o relógio, mesmo o alarme barulhento, ou o marcador na tela do celular, nin-

guém percebeu que há tempos vivo num mundo onde me caibo inteiro.

Foi assim: eu — um analista qualquer que — se — despre-  
gou — do — corpo — pra flutuar que nem sacola de mercadi-  
nho barato — rasgando fácil, leve, num transluzir de engano.

Vim parar aqui, na casa que um dia foi morada.

— Luís, preciso te mostrar uma coisa. Tá no andar de cima.

— Em qual cômodo?

— No último, no fim do corredor.

Ela pede de um jeitinho que, mesmo com o corpo grudado a um pedaço de espuma do que devia ser um sofá bem gostoso, levanto e percorro os cantos até alcançar o último cômodo, no fim do corredor.

Lá encontro o ballon bleu de cartier reluzindo 18k. Me es-  
forço pra chegar até ele, tem uma luz diamantada. Quando o  
toco, tudo se faz sombra. Que raiva, a luz vai embora! Abro  
um pedaço da janela, o suficiente pra arremessar o maldito.  
Ele deve cair na piscina. Não desço pra ver. Nunca precisei  
gastar energia com relógio que não me quer o pulso.

— Luís, somos só nós dois.

— Enquanto eu viver, minha casa, somos só nós dois.



## Arte de esconder

Usava um vestido vermelho com bolinhas brancas. Modelo discreto, não deixava uma mísera parte dos seios à mostra. Do lado de fora, ficou um pedacico do colo, intenso o suficiente pra chamar minha atenção. Uma pele morena, lisa, escorregando por caminhos que eu queria ter a sorte de conhecer.

Perguntou se Nilton queria mais da comida, ao que ele respondeu que não, estava satisfeito, só queria conversar um pouco com Gabriel. Ela se juntou à sogra, permaneceu numa boa, num riso fino de quase satisfação. Já eu, noutra mesa, ensaiava uma piada, um gesto que arrastasse pra mim seus olhos, duas pelotas pretas lindíssimas.

Pena que Nilton, volta e meia, reivindicava a posse. Puxava a companheira pra perto, falava no ouvido, pedia outra cervejinha. Nem parecia que, há pouco mais de um mês, ela e as crianças foram morar na casa da mãe, muito menos que ela me ligou dizendo não aguentar a vida que vivia. Jurou não olhar mais na cara do Nilton, o mesmo que agora agradecia a bebida.

— Espera, meu bem, já cortamos o bolo. Logo termino o papo com o Gabriel. É coisa séria, confia.

Ela, sempre compreensiva, porque moça ligeira precisa entender o tempo de cada coisa. Pena não ter jabuticabas de olho



---

EDITORA  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br)  
[penaluxeditora@gmail.com](mailto:penaluxeditora@gmail.com)

CONTATO  
[anaf.nejaim@gmail.com](mailto:anaf.nejaim@gmail.com)

---

---

*Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2024.

---